



AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volume 69
2017

ENCONTRO
LISBOA RIBEIRINHA MEDIEVAL E MODERNA
— DADOS ARQUEOLÓGICOS

PERFIL DE VERGÍLIO CORREIA (1888-1944), UM ARQUEÓLOGO, ETNÓLOGO, HISTORIADOR DE ARTE E HOMEM DE CULTURA INTEGRAL¹

Vitor Serrão

Prof. da Universidade de Lisboa / Centro ARTIS-IHA-FLUL / vit.ser@letras.ulisboa.pt

Resumo

A personalidade científica de Vergílio Correia conta-se como uma das mais relevantes da Cultura portuguesa do século passado. Investigador dotadíssimo em vários campos das Humanidades, produziu uma obra de grande solidez e sentido de inovação. Tanto na Arqueologia, ciência que ajudou a cimentar, como na Etnografia e na História da Arte, foi autor de trabalhos que o alcançaram a posição cimeira nas respectivas disciplinas e que receberam o reconhecimento internacional dos seus pares. Além de professor universitário, foi museólogo, inventariante de património, fotógrafo dotado de grande sensibilidade, e homem de causas, membro destacado da Maçonaria e, como tal, defensor de um civismo republicano e de um ensino público para todos, valores que lhe valeram a repressão e uma breve prisão no Aljube nos anos de implantação do Estado Novo.

Palavras-chave: Vergílio Correia, Arqueologia, História da Arte, Etnografia, Inventário.

Abstract

Vergílio Correia's scientific personality is told as one of the most relevant of Portuguese culture in last century. A gifted researcher in various fields of the Humanities, he produced a work of great solidity and a sense of innovation. Both in Archeology, as in Ethnography and History of Art, he was the author of works that reached the top position in the respective disciplines and that received international recognition from their peers. In addition to being a university professor, he was a museologist, photographer with great sensitivity, and a man of causes, outstanding member of Maçonaria and, as such, defender of a republican civism and public education for all, values that he was repressed by a brief arrest in Aljube in the years when the Estado Novo was established.

Keywords: Vergílio Correia, Archaeology, History of Art, Ethnography, Inventory.

¹ O presente texto desenvolve o teor da conferência proferida a 9 de Março de 2017 na A.A.P. sob título "Vergílio Correia (1888-1944): um Arqueólogo, Etnólogo, Historiador de Arte e Homem de Cultura Integral".

1. UM LEGADO GIGANTESCO

Vergílio Correia Pinto da Fonseca (1888-1944) foi uma das mais extraordinárias personalidades da cultura portuguesa do século passado. Homem dotado de qualidades ímpares enquanto investigador, teve valências absolutamente pioneiras no campo do património histórico-artístico, que estudou e analisou, com visão de abertura crítica, nas suas componentes globais, gerando uma obra que mereceu a atenção dos seus pares, no plano internacional, e continua a ser de referência. Vergílio Correia foi não só o arqueólogo que deu a conhecer o megalitismo do Alentejo e revelou o essencial do *oppidum* romano de Conimbriga como, também, o antropólogo que ajudou a renovar os estudos da Etnografia portuguesa e, ainda, o mais notável historiador de arte da sua geração. Além de museólogo, professor universitário, académico e inventariante, escritor, ensaísta, pedagogo, foi ainda um fotógrafo dotado de fina sensibilidade humana e altas capacidades técnicas.

Era natural da Régua, onde se deslocava amiúde em tempo de férias (na Quinta do Pombal, em Penajóia, Caldas do Molêdo), mas cedo rumou a Coimbra, onde obtém a licenciatura em Direito (1911) e, de seguida, a de Letras. Aí vai integrar o corpo docente, como Professor Universitário, de 1921 a 1944, com grande prestígio como historiador de arte, arqueólogo, etnógrafo e museólogo. Editou mais de uma centena de obras científicas, granjeando grande prestígio. Reguense fiel às suas raízes, consta entre os seus primeiros estudos um trabalho sobre a fonte romana do Milho em Canelas e vários sobre aspectos da etnografia beirão e duricense. Foi homem da geração da *Renascença Portuguesa*, e aí desempenhou papel relevante, colaborando desde muito jovem nas revistas *Águia*, *Rajada* e *Dionysos*. Foi íntimo do médico e escritor João de Araújo Correia, que dele dizia ser o eterno erudito, senhor de uma cultura excepcional, sempre com postura generosa e trato afável. Também teve amizade com o diplomata Alberto da Veiga Simões (1888-1954), um republicano que foi embaixador em Berlim, afastado por Salazar devido às suas posições contrárias

ao governo do Reich, designadamente na questão de atribuição de 'vistos' a judeus e outros perseguidos do nazi-fascismo. Era nesses círculos de amigos que se movia Vergílio Correia.

Tendo vivido com muita intensidade as lutas estudantis no final da Monarquia e a ascensão da 1ª República, Vergílio assumiu-se sempre como um republicano moderado (uma fonte coeva chama-lhe «almeidista»), fiel à sua militância maçónica, e foi dentro dessa sua postura ideológica que participou no projecto democrático da *Renascença* e colaborou amiúde nas páginas da sua revista *Águia*. Mas esta é ainda a fase de afirmação de um investigador jovem que trilha os primeiros passos; estamos longe do furor e inovação do seu trabalho científico a partir dos anos 20 que, esse sim, o alcandorará ao reconhecimento maioritário dos seus contemporâneos, a nível interno e também internacional. Esse percurso está hoje reconhecido e pode ser apreciado, além do que se aduz da vastíssima bibliografia de âmbito interdisciplinar, sempre ancorada em fontes primárias, pelo bem organizado fundo documental da correspondência e notas de viagem, que se conserva no ANTT e foi em data recente disponibilizado à investigação pública. Acresce ainda o inestimável acervo de fotografias etnográficas e artísticas da sua lavra, que permitem esclarecer e completar inúmeros outros aspectos da sua vida, obra e interesses.

A verdade é que ainda não foi feita com o devido rigor a visão-síntese sobre a produção da comunidade científica nacional do passado século. O peso do esquecimento e a cadência avassaladora do trabalho geram muitas vezes, na consciência das novas gerações, uma atitude de des-memória que tende a diluir o peso referencial daqueles de quem, afinal, mais próximos devíamos estar em termos de legado teórico-metodológico e de práticas de trabalho. Mas temos a certeza de que, quando for feito esse balanço, a figura de Vergílio Correia se imporá como a mais importante acultura portuguesa da primeira metade do século passado, dada a relevância e inovação dos seus estudos em três disciplinas que, estando sempre divididas, antes e depois dele, soube praticar como se de um todo se tratasse: a Arqueo-

logia, a Etnografia e a História da Arte. Isto por uma razão: o seu olhar foi sempre o de um antropólogo atento e empenhado nas várias componentes criadoras e vivenciadas de um saber unívoco.

Trata-se, em suma, de figura primacial da cultura portuguesa de Novecentos, cuja obra monumental, expressa em três domínios de saber só aparentemente inconciliáveis, precisa de ser reafirmada como uma verdadeira e sólida referência que é, sob muitos aspectos, actual. Precocemente falecido aos cinquenta e cinco anos, em plenitude de produção, interrompendo um vasto rol de projectos que tinha entre mãos (como a sua correspondência ajuda agora a clarificar melhor), Vergílio Correia precisa de ser olhado, não como um estimável erudito muito preso ao mundo de Oitocentos, como já se aventou, mas sim como o intelectual dotado de uma cultura integral, como o humanista empenhado em intervir em grandes causas sociais através do seu trabalho, e como o arqueólogo-etnólogo-historiador de arte que transformou o seu acúmulo de saberes numa perspectiva de transformação qualitativa do seu país e do seu-nosso mundo.

2. UM PERFIL MULTIDISCIPLINAR

Como escreveu Joaquim de Carvalho, seu colega na Universidade de Coimbra e seu amigo, «as três disciplinas conviveram fraternalmente no seu espírito, tanto mais que as considerava metodologicamente da mesma maneira e com idêntico sentido de objectividade: se a exploração do terreno determina o único caminho admissível na Arqueologia, a colheita directa dos factos e dos testemunhos documentais, auxiliada pela comparação *de visu*, pareceu-lhe ser também o método idóneo da Etnografia e da História da Arte» (prefácio às *Obras (de) Vergílio Correia*, vol. I, 1946).

Esta é uma boa síntese das qualidades excepcionais de Vergílio Correia. Muito conhecido como o mais importante dos arqueólogos descobridores da célebre cidade romana junto a Condeixa-a-Velha e um dos seus principais investigadores, Vergílio seguiu cedo o campo vocacional da Arqueologia,

chegando a trabalhar no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, junto de José Leite de Vasconcelos, e foi também, na génese desse contacto, o empenhado etnógrafo que se conhece e admira, com obra vasta e diversificada. Num tempo em que o polemismo era fértil e as inimizades rimavam com invejas e confrontos de praça, teve conflitos que o levaram, paulatinamente, a seguir com sentido de prioridade um outro caminho, o da História da Arte, disciplina da qual se tornará a breve trecho um dos grandes renovadores, depois de ajudar a renovar os seus princípios, objectivos e metodologias.

Professor da Universidade de Coimbra ao longo de vinte e três anos (1921-1944), Vergílio Correia formou gerações de alunos para a sensibilização pelo património histórico-artístico nacional, dentro de uma nova perspectiva de análise comparatista e globalizadora dos monumentos e obras de arte. Curiosamente, era formado em Direito pela Universidade de Coimbra (1911), curso que tirou para não contrariar a vontade paterna, mas a efémera carreira no notariado não vingou e virá a doutorar-se em Letras (1935), campo da sua primordial vocação. Entre 1912 e 1916, foi Conservador do Museu Etnológico Português e consolidou o interesse pelas ciências etnográfica e arqueológica sob a orientação de José Leite de Vasconcelos, com quem se incompatibilizou, e de 1916 a 1921 integrou o corpo de técnicos do Museu Nacional de Arte Antiga, até que passa a docente da Universidade de Coimbra, sucedendo a Joaquim Martins Teixeira de Carvalho no magistério das disciplinas de História de Arte e de Arqueologia. Em 1929, conciliando as suas linhas vocacionais, assumiu o cargo de director do Museu Nacional Machado de Castro e as funções de coordenador da Brigada do Centro de Inventário Artístico Nacional da Academia Nacional de Belas Artes para realização do inventário da Cidade e do Distrito de Coimbra (tendo como colaborador o cónego António Nogueira Gonçalves), tomos esses dados à estampa postumamente (1947 e 1953).

Desde muito cedo foi um apaixonado pelos achados de Conímbriga, sobre os quais muito escreveu, desde 1909 até à morte, dedicando-se a

investigá-los de modo profícuo; porém, como diz Jorge Alarcão, «a morte prematura sobrevinda aos 55 anos não lhe deu tempo de escrever sobre este *oppidum* a monografia que por força havia de trazer em mente». Mesmo assim, percorrendo-se o seu vastíssimo curriculum, não só Conimbriga se patenteia em abundância, com contribuições regulares, dando voz às contínuas descobertas de campo (com relevo para os mosaicos), como as campanhas de prospecção realizadas em Pavia, em Alcácer do Sal, em Sintra, estão presentes como bibliografia insubstituível. Cite-se *El Neolítico de Pavia* (1921), trabalho editado em castelhano com divulgação dos resultados das investigações arqueológicas por si realizadas entre 1914 e 1918 nessa região alentejana, e que se assume desde logo uma peça fundamental para o conhecimento do Megalitismo, dada a credibilidade científica do autor, e o valor intrínseco da obra, amplamente reconhecidos pelos seus pares internacionais. Na correspondência guardada nas ANTT, contam-se cartas de arqueólogos da estirpe de Henri Breuil, Santa Olalha, Eugénio Jalhay, e Georg e Vera Leisner entre vários outros.

Vergílio estava atento também à inevitável efemeridade do Património face à sanha destrutiva dos homens e à inapelável mutações de gostos e modas, pelo que lhe não era indiferente o registo integral das perdas: foi sob esse espírito que acompanhou e recenseou, com nunca escondida amargura, o início da destruição da velha Alta de Coimbra, após a decisão salazarista de se construir o *campus* universitário: dessa violentíssima ruptura da zona da Alta, seguiu as primeiras demolições, expropriações, desaterros e perdas de património, dando conta dessas perdas em artigos no *Diário de Coimbra* (de que foi director) e nos seus cadernos de notas (guardados no citado fundo da ANTT). Com a obra de Vergílio Correia se sentem vivas as preocupações dos patrimonialistas de hoje, atentos à mudança e também à perda inexorável, e é de destacar o modo como, nas suas páginas, estão presentes os problemas de conservação preventiva, de autenticidade nas intervenções de restauro, de pedagogia no modo expositivo, e de reivindicação de políticas estatais de salvaguarda.

Também na Etnografia os seus interesses se manifestaram com paixão, fruto do convívio inicial com Leite de Vasconcelos (antes de desaguisados que levaram ao seu afastamento do Museu), gerando artigos nas revistas *Águia* e *Terra Portuguesa*, ou a obra de síntese *Arte Popular Portuguesa*, primeira sistematização no âmbito da Antropologia portuguesa, antes da onda de discursos de folclorização e subsequente descaracterização associados à propaganda oficial do Estado Novo. Neste domínio, Vergílio deixa trabalhos sobre, por exemplo, a arte ornamental alentejana, que considerava ser a região por excelência desta expressão popular, e que registou, estudou e caracterizou à luz dos meios e técnicas tradicionais a fim de criar uma malha tipológica das principais manifestações. No volume *Etnografia Artística (Notas de Etnografia Portuguesa e Italiana)*, de 1916 (2.ª ed., Barcelos, 1937), a sua colaboração centra-se numa análise dos objectos populares e numa espécie de exaltação estética da arte popular alentejana. Acrescia a sensibilidade de fotógrafo, ultimamente descoberta e valorizada, que o levou a documentar em chapas de vidro inúmeros trechos da vida e da cultura portuguesas.

A revelação recente do inestimável conjunto de fotografias em chapa de vidro da autoria de Vergílio Correia, que se deve a Miguel Pessoa e Lino Rodrigo (Centro de Estudos Vergílio Correia, de Condeixa-a-Nova, onde o acervo se conserva), veio revelar, ademais, a sua apetência para a fotografia e a grande sensibilidade com que se dedicava a testemunhar, como antropólogo esclarecido, as vivências populares. Parte desse acervo foi tema de uma exposição que ainda decorre em regime de itinerância, depois de ter sido acolhida no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, onde foi inaugurada em Junho de 2017. Também o seu rico fundo documental, que inclui a correspondência com muitas personalidades da cultura nacional e internacional, as anotações de viagem, os comentários de visitas e os esboços de estudos de pesquisa, incluindo inéditos, que se conserva no ANTT e só em data recente passou a estar disponibilizado aos investigadores, permite esclarecer e completar inúmeros aspectos da sua vida, da

sua obra, do seu círculo de relações (onde também afloram as polémicas e confrontos entre pares), a sua visão republicana em defesa de uma cultura de partilha e, ainda, os traços da sua influência num campo de seguidores (sobretudo no campo da História da Arte) aptos a trilhar novas e mais sólidas vias de investigação.

No campo da História da Arte, Vergílio deixou um vastíssimo escol que é de referência ainda hoje seminal. Escreveu sobre temas como a tumulária gótica, a arquitectura monástica da Idade Média, a arte manuelina, a escultura e a pintura do Renascimento, a talha barroca, o azulejo e outras artes de decoração que pela primeira vez se valorizaram, no campo da museologia, no da inventariação dos patrimónios e no da conservação e restauro, entre muitos outros temas e subdomínios em que foi observador pioneiro. E enquanto inventariante, uma tarefa que tomou a ombros com critérios de inovação e rigor de registo, foi ele quem preparou as bases para um inestimável serviço público, o *Inventário Artístico de Portugal* da Academia Nacional de Belas Artes. A ele se devem o essencial dos dois grandes tomos do *Inventário* dedicados à *Cidade* e ao *Distrito de Coimbra*, edições completadas após a sua morte pelo seu amigo e fiel colaborador Padre António Nogueira Gonçalves e que são, também, absolutamente inovadores nos critérios de recenseamento e descrição de peças. Os seus estudos de História da Arte tornaram-se incontornáveis para a investigação em muitos campos da cultura dos nossos dias. É o caso, por exemplo, da observação estilística das obras de arte no âmbito dos seus programas iconográficos, das suas especificidades técnicas e laborais, e das suas influências e derivações, bem como o interesse em pesquisar as fontes primárias de arquivo, até então muito descuradas, para através delas estudar o perfil dos comitentes e as suas relações com os artistas durante o processo criativo.

Existe a uniformizar o interesse por campos aparentemente tão distintos a paixão de Vergílio pelo trabalho criativo dos homens e mulheres de todas as classes, regiões e épocas históricas. Como escrevem Miguel Pessoa e Lino Rodrigo, ele «valorizou os

ritmos de trabalho e pausa, no campo, na oficina do oleiro, na casa dos teares; o momento da separação; o sorriso dos amigos; a comemoração da Aleluia em tempo de Páscoa; os animais e os sistemas de atrelagem; o homem e o animal; a etnografia do traje; a venda do caldeireiro e as feiras – eminentes lugares de sociabilidade». Não é só o monumento e a obra de arte *de per se* que devem interessar, dizia Vergílio Correia, mas o seu contexto e vivencialidade. O fermento do futuro ‘corpus’ de inventário artístico nacional encontra aqui as suas razões de ser – e de fazer. Por todas estas razões, a obra atingiu uma bitola excepcional em três domínios dos estudos das Humanidades: podemos afirmar que nenhum contemporâneo seu ousou experimentar e aplicar uma visão tão abrangente da cultura, sem fronteiras preconcebidas nem ancoramentos disciplinares: é, sim, avião antropológico das obras humanas que predomina no seu escopro de investigador que se interessa apaixonadamente por tudo, seja erudito ou popular, vanguardista ou de periferia: quem fez, por que razão, para quê e para quem, com que intenção?, eram as grandes questões que lhe colocavam a peça, fosse obra de arte, fragmento arqueológico ou artefacto utilitário do mundo do trabalho rural...

Enquanto intelectual que foi simultaneamente etnógrafo, arqueólogo e historiador de arte, além de ser também museólogo, fotógrafo, ensaísta, pedagogo e professor universitário, Vergílio granjeou justo renome internacional, dada a sua relação com os principais nomes na investigação nessas áreas pluridisciplinares, e pôde criar uma obra imensa, que a morte prematura em 1944 incompletou: por tudo isso, tem de ser considerado uma das figuras máximas da cultura portuguesa do século passado. Vergílio Correia foi, em suma, um homem de causas, educado nos princípios da fraternidade social, promotor de um ensino público com acento na cultura e no conhecimento do património nacional e defensor das liberdades cívicas. Tal explica as várias polémicas (a mais violenta das quais com José de Figueiredo, o director do Museu Nacional de Arte Antiga) que trava com intelectuais do seu tempo, e as reservas com que foi visto pelo Estado Novo, pese

o facto de ter sempre mantido o lugar de magistério na Universidade de Coimbra. Como já se disse, avulta em toda a sua vasta obra publicada e inédita uma personalidade extraordinária, com múltiplos interesses científicos, que justificam o justo destaque internacional que grangeou, tanto nos meios da Arqueologia, como na Etnografia, como na História da Arte, dentro e fora das fronteiras.

3. UMA HISTÓRIA DA ARTE RENOVADA

No campo da História da Arte, foi à luz dos princípios teóricos e metodológicos de Vergílio que essa disciplina em boa verdade se iniciou em Portugal, sem aquela teia formalista e visão redutora que era então dominante. Daí que os seus interesses não se limitassem aos grandes monumentos como os mosteiros de Alcobaça, Batalha, Tomar ou Jerónimos, e outras grandes referências e nomes de artistas de primeira plana, mas a uma visão patrimonialista globalizante, com atenção às artes decorativas, como o azulejo, a pintura a fresco e a talha dourada, e a outras modalidades artísticas sempre minorizadas, como a cerâmica e a olaria, para as quais a sua sensibilidade de etnógrafo o tornava especialmente dotado.

Por isso, o contributo de Vergílio Correia, expresso em vasta bibliografia sempre inovadora nas suas abordagens e problematizações e sempre com abertura ao reconhecimento internacionais, torna-o um pioneiro absoluto em todos estes campos. Com o seu labor, definiu-se e começou-se o grande projecto de *Inventário Artístico de Portugal*, já referido, e que a ANBA iria levar a cabo a partir de 1939 e que ele, devido ao precoce desaparecimento, já não pôde ver consolidado, ainda que deixasse concluídos, como se disse, os tomos relativos à Cidade e ao Distrito de Coimbra (saídos póstumos, respectivamente, em 1947 e 1953). Este foi um campo em que Vergílio Correia produziu doutrina. O *Inventário Artístico de Portugal* mereceu uma concepção absolutamente inovadora nos critérios de recenseamento e na descrição de peças. De facto, privilegiou uma inventariação exaustiva dos bens visando a sua salvaguarda, conservação e revalorização, vendo-os

como imperativo das políticas culturais, e denunciando os maus restauros, os furtos consentidos e as delapidações de acervos. Como cientista, de facto, Vergílio sempre contestou a visão minorizante que imperava nos círculos oficiais sobre a arte portuguesa. E mais: ergueu a sua voz, como director de brigada do *Inventário*, contra a impunidade com que alguns colecionadores e *marchands* espoliavam as igrejas de alguns dos seus tesouros (caso da escultura pétrea da região de Coimbra), enganando os párocos e as populações em proveito próprio. Um dos visados era o Comandante Ernesto de Vilhena, cuja colecção de escultura portuguesa medieval e moderna se criou, justamente, aproveitando a falta de um registo inventarial exaustivo. Ora o esforço de recenseamento proposto pelas ANBA e estruturado por Vergílio apontava com toda a clareza contra esse estado tolerado de lesa-património, apontando as suas causas e centrando no registo individual de peças a melhor garantia para a sua salvaguarda futura.

Os interesses de estudo de Vergílio Correia em termos de arte portuguesa não se limitavam (como a muitos dos seus colegas neste domínio) à glorificação dos mosteiros de Alcobaça, da Batalha e dos Jerónimos, à Sé Velha de Coimbra, aos Painéis de São Vicente, ao pintor Vasco Fernandes, ao escultor João de Ruão, ou seja, aos grandes monumentos e 'nomes' da História da Arte tal como estava instituída. Na mesma medida se empenhava, dada a sua visão dominante de patrimonialista, no estudo integral das artes, fossem de origem e encomenda erudita, fossem simples produção em contexto regional, senão popular. O seu olhar era, ao mesmo tempo, micro-artístico e globalizante, dando grande atenção às artes decorativas, como o azulejo e a talha, o fresco e o estuque, o esgrafito e a terracota, o embrechado e o brutesco, entre outras modalidades artísticas até então sempre minorizadas e que com Vergílio adquirem um papel e uma relevância até à data sempre descuradas. Pode dizer-se que a redignificação das chamadas Artes Decorativas, vistas como parcela integrante da História da Arte e não apenas como expressão etnográfica, nasce com Vergílio Correia. Os seus estudos sobre o carro

de bois, as fechaduras, as tatuagens, o entalhe de alfaias agrícolas, a decoração de portas e janelas, o traje festivo, os rituais sacros e civis, integram-se nesse seu pleno olhar antropológico com que abordava a paisagem cultural do país, e que era por certo um olhar de historiador de arte !

A produção é extensa, diversificada de temário e, sempre, absoluta de pioneirismo. No campo da pintura a fresco em Portugal, por exemplo, o seu ensaio de 1921 (sobre as primeiras existências recensadas, dos séculos XV e XVI) continua a ser referência seminal. Até então, a presença de frescos na pintura medieval e moderna era pura e simplesmente menorizada, senão ignorada, pelos estudiosos do nosso património! Por isso o seu contributo neste e noutros subtemas foi imenso pois alterou bitolas reductoras de valorização e ensinou a ver com a necessária abertura crítica: privilegiou sempre a inventariação exaustiva do património nacional, dos grandes monumentos às pequenas realizações regionais, a sua salvaguarda, conservação e revalorização, como um imperativo das políticas culturais, denunciando os maus restauros, os furtos consentidos e as delapidações de acervos.

Campo de estudo em que o trabalho de Vergílio teve especial sucesso foi o do *mito Grão Vasco*, nome misterioso muito enraizado na memória portuguesa e, sobretudo, na das comunidades beirãs, segundo o qual toda a antiga pintura sobre madeira que se encontrava em igrejas e museus se devia a esse enigmático Vasco de quem ninguém sabia a origem certa. A partir da solidez da documentação recensada a respeito do retábulo da Sé de Lamego (1506-1511), Vergílio pôde identificar com segurança as primeiras obras desse pintor de contornos nebulosos, chamado na realidade Vasco Fernandes e activo em Viseu de 1502 a 1542. O pouco que se sabia (desde as pesquisas de Maximiano d’Aragão e de Sousa Viterbo) sobre este pintor, um dos mais notáveis do Renascimento peninsular, adquiria com o livro *Vasco Fernandes, mestre do retábulo da Sé de Lamego* (1924) uma base de solidez nunca antes imaginada. O grande mestre viseense passa a figurar, com obra absolutamente identificada, no panorama

pictural português e internacional do seu tempo, de afazendo um mito que durava desde a morte do pintor, hipertrofiando a sua produção, tal como sucede em geral com as lendas, em contornos gigantescos. Este livro foi mais uma prova de que a História da Arte portuguesa não poderia prescindir, doravante, da pesquisa dos arquivos portugueses (nacionais e regionais) e que, estando estes praticamente virgens de aproveitamento, ofereciam uma janela de saberes aos estudiosos que deveria ser bem aproveitada. Ele próprio o demonstrou em inúmeros estudos assentes em fontes primárias de arquivo, como os trabalhos sobre os artistas e artífices operantes no Mosteiro dos Jerónimos, sobre os artistas de Lamego dos séculos XVII e XVIII, sobre o escultor Nicolau de Chanterene, sobre o pintor de azulejos António de Oliveira Bernardes, sobre a estada de Domingos Sequeira em Roma, e tantos outros.

Outro dos campos de estudo que muito motivaram Vergílio Correia foram os celeberrimos *Painéis de São Vicente*, atribuídos a Nuno Gonçalves e uma das obras mais importantes de toda a pintura europeia do século XV. Esta magna obra quatrocentista nunca deixou de gerar, desde a sua ocasional descoberta em 1882, grandes polémicas em torno da identidade dos retratados (polémicas que chegaram aos nossos dias). A esse respeito, os anos 20 do século passado foram particularmente agitados: a seguir à publicação do livro de José de Figueiredo *O Pintor Nuno Gonçalves* (1910), que defendeu pela primeira vez a tese vicentina (os Painéis expostos no MNAA seriam os do altar de São Vicente da Sé de Lisboa, tal como Francisco de Holanda os referenciou...), vieram a lume vários estudos a refutar esse parecer. Entre esses, contam-se o livro *Os Painéis do Infante Santo* (1925) de José Saraiva e o livro *O Políptico do Convento de Santo Elói* de Henrique Loureiro (1927), defensores, respectivamente, das teses fernandista e catarinista. Apoiantes e opositores destas teses digladiavam-se com fúria verbal na imprensa do tempo, em brigas de café e bengaladas de rua, em grupúsculos onde a discussão era fervorosa e, quase sempre, fundamentalista. Esses confrontos, aliás, mereceram ser caricaturados nas

páginas do *Sempre Fixe* e, até, no divertido poema tragi-cómico *A Paineleida*, de Alfredo França, com ilustrações de Francisco Valença e Alfredo Cândido (1926), onde também Vergílio Correia não escapa ao escopro crítico dos mordazes caricaturistas. As críticas que dirigiu a José de Figueiredo, incluindo uma 'Carta Aberta' aos sócios do Grupo Amigos do Museu Nacional de Arte Antiga, em 1929, após ter sido excluído desse grupo em assembleia geral por pressões do seu director, entroncavam também no verrinoso debate em torno dos *Painéis* e das teses defendidas no livro de José de Figueiredo...

Nestes anos de intensa polémica em torno dos mistérios dos *Painéis* surgiu na imprensa mais um artigo a favor da tese catarinista, apoiado num documento falso (alegadamente forjado por João Pita Morgado), facto que suscitou o repúdio de historiadores como Vergílio Correia, e veio a conduzir, depois, ao suicídio do malgrado Henrique Loureiro, apesar de nada ter a ver com tal fraude documental mas sentindo-se lesado na sua honra... Nestes anos em que a paixão cega se sobrepôs sempre ao rigor dos factos em análise, os vários artigos de Vergílio Correia a respeito dos *Painéis* atestam uma constante base científica e uma serena visão crítica. Alheio ao ruído das quezílias de imprensa, que envolviam José de Figueiredo, José Saraiva, Alfredo Leal, José de Bragança, Henrique Loureiro, Almada Negreiros e vários outros, Vergílio pautou-se por uma postura de cientista imune às polémicas: interessou-o mais a obra artística em si e menos a identidade das figuras representadas, segundo ele impossíveis de apurar face aos dados até à data conhecidos. À revelia dos posicionamentos dominantes, declarou-se sempre «anti-vicentista, anti-fernandista e anti-catarinista», até que novas provas históricas, iconográficas ou artísticas viessem alargar os saberes sobre a magna obra-prima da pintura quatrocentista... o que só viria a suceder trinta anos volvidos, com os estudos de Adriano de Gusmão... mas essa é uma outra história, e precisa ainda de ser resolvida sob múltiplos aspectos de penumbra.

Os estudos de História da Arte de Vergílio Correia são ainda hoje incontornáveis, também, no

campo da pintura portuguesa do Renascimento, quer do ponto de vista biográfico e historiográfico dos artistas e da sua obra, quer do entendimento da relação entre o comitente e o artista no processo criativo. Muitos dos documentos relativos a artistas portugueses por ele divulgados em primeira mão a partir da pesquisa arquivística – contratos de obras de pintura, douramento, escultura, entalhe, carpintaria e pedraria respeitantes a obras de arte portuguesa, do Renascimento ao Barroco – foram publicadas em livros como *Pintores Portugueses dos séculos XV e XVI*, Lisboa, 1924. Nesse trabalho, Vergílio Correia revela imensa documentação inédita do ANTT e explicita, por exemplo, através dos contratos para a execução de três retábulos para o mosteiro de Ferreirim, como era o «regime de parceria» no Portugal renascentista. O contrato para o tríptico da igreja de Valdigem (1534) mostrou, também, a diferença de estatuto laboral existente entre os pintores Cristóvão de Figueiredo, de Lisboa, e Bastião Afonso, de Lamego, clarificando o mercado de trabalho da época manuelina-joanina

Uma palavra, também, para o livro *Três Túmulos: uma Arca Túmular do Museu de Santarém, Sepultura de Fernão Gomes de Goes em Oliveira do Conde, Moimento do 1.º Marquês de Valença em Ourém* (Coimbra, 1924), importante ensaio histórico-artístico, com desenhos de Alfredo Cândido, que constitui «a primeira tentativa de estudo sintético da sepulcrosologia medieval portuguesa». Aí se define, por exemplo, Santarém como a «capital do Gótico». Iguamente relevante o opúsculo *As Obras de Santa Maria de Belém de 1514 a 1519* (Lisboa, 1922), com revelação dos documentos inéditos, do A.N.T.T., que registam os importantíssimos pagamentos feitos aos artistas e artífices envolvidos entre 1514 e 1519 no estaleiro de obras do real Mosteiro de Santa Maria de Belém, em pleno reinado de D. Manuel I. De referir ainda, sem quaisquer intuitos de exaustividade que seriam impossíveis, o estudo *Um Túmulo da Renascença: a sepultura de D. Luís da Silveira em Góis* (Coimbra, 1921).

Noutro trabalho pioneiro, *Lugares d'Além: Aze-môr, Mazagão, Çafim* (1923), relata a sua viagem

a Marrocos e enfatiza o chamado plano Dr. Júlio Martins (1878-1922), então Ministro da Instrução Pública, de «mandar fazer o inventario dos monumentos que deixamos disseminados pela Africa e Asia: «Para tal, não creava comissões numerosas, que vulgarmente pouco produzem: entregava a incumbencia a duas pessoas somente: um investigador e um desenhador. O que um não podesse fotografar, debuxalo-ia o outro. Dotações modestas; o indispensavel para as despesas de viagem... sem proventos chorudos desse genero de comissão... Os governos coloniaes pagariam depois os trabalhos feitos em Moçambique, Angola e India. Penso que o projecto desse illustre homem de governo se poderia ainda hoje realizar, juntando ao investigador e ao desenhador, um arquiteto. E não ficaria muito dispendiosa a comissão. Ainda se encontraria gente que sem a miragem das libras-ouro das gratificações, se encarregaria do trabalho». Algo que as circunstâncias não permitiram que se cumprisse...

Entre outras vertentes da arte portuguesa até então mais negligenciadas, Vergílio Correia apaixonou-se muito cedo pela Azulejaria portuguesa, a que dedicou muitos estudos. Seguidor dos trabalhos pioneiros de José Queirós no campo da azulejaria e da cerâmica, definiu as bases de um 'corpus' do património azulejar português, que tentou cumprir, com seu colega Luís Keil, e de que resultaram algumas edições ainda hoje relevantes: *Azulejos datados* (1.ª série, 1915; 2ª ed., 1922); *A Família Oliveira Bernardes. Uma grande escola de pintura de azulejos (1ª metade do século XVIII)* (saído em *A Águia*, 1917-18); *Azulejadores e pintores de azulejos, de Lisboa. Olarias de Santa Catarina e Santos. Oleiros e pintores de louça e azulejo* (idem, 1918); e *Azulejos de fachada* (1935), entre outros artigos saídos na imprensa. Para Vergílio, o Azulejo era e é uma das grandes especificidades do discurso artístico português. Assim, foi o primeiro historiador de arte a investigar os fundos arquivísticos e a publicar referências a pintores de azulejos, a oleiros e ladrilhadores, que resgatou da poeira dos arquivos. Cabe-lhe o mérito de, muito antes dos trabalhos de Reynaldo dos Santos, de João Miguel dos Santos Simões e de

José Meco, dedicar a esta arte tento um olhar crítico privilegiado de etnógrafo. Sendo nomeado em 1920 como perito junto dos serviços da Inspecção Artística juntamente com Luís Keil, coube-lhe, como delegado de Belas Artes junto da Direcção Geral das Contribuições e Impostos, proceder à classificação das artes decorativas portuguesas. A verdade é que nunca dispôs de meios suficientes para cumprir o pretendido 'corpus' nacional, tendo todavia realizado muitas campanhas pelo país (visitas de estudo e registo de existências azulejares de que restam notícias no seu arquivo). Este gosto pela cerâmica terá continuidade, após a sua morte, na produção da sua viúva D. Alice Correia, que chegará a realizar, em 1948, uma exposição de cerâmica com peças inspiradas na faiança portuguesa dos séculos XVII e XVIII.

Em termos de divulgação mais ampla, Vergílio Correia colaborou no grande projecto da *História de Portugal*, geralmente chamada *História de Barcelos* por ser edição da Portucalense editora (de Barcelos), dirigida por Damião Peres e considerada a mais extensa História de Portugal até então, comemorativa do 8º Centenário da Fundação da Nacionalidade, em 10 volumes publicados entre 1928 e 1981. Vergílio colaborou no volume 1º (1928), com o texto *Arte Visigótica*; no vol. 4º (1932), no capítulo CULTURA (com Jaime Cortesão, Joaquim de Carvalho, Eleutério Cerdeira e Francisco Teófilo de Oliveira Júnior) e no vol. 5 (1933), no capítulo *Assistência e Cultura* (com Ângelo Ribeiro, José Teixeira Rego, Hernâni Cidade, Joaquim de Carvalho e Jaime Cortesão).

4. O CASO DO NAVIO CHERUSKIA

Na sequência do apresamento dos navios alemães que se encontravam em portos portugueses – um episódio que impeliu a Alemanha a declarar guerra a Portugal em de 1916 – o governo republicano português deparou-se com o facto surpreendente de um dos navios apresados conter uma relevante carga arqueológica. Tratava-se do *Cheruskia*, um vapor proveniente de Bassorá, em cuja carga se contavam quatrocentos e quarenta e oito caixotes com objectos recuperados em escavações realizadas pela

Deutsche Orient-Gesellschaft em Assur, na Mesopotâmia, e cujo destino final seriam os museus estatais de Berlim.

Não obstante as sucessivas reivindicações, a carga arqueológica do *Cheruskia* (ou *Leixões*, designação que o navio receberia após o apresamento) constituiria uma presa de guerra e acabaria por permanecer em Portugal até 1926. Como observou a historiadora de arte Vera Mariz, que estudou o assunto a partir de dados constantes no arquivo Vergílio Correia (ANTT), «a situação não seria de fácil resolução, pois não só não existiam em Portugal Orientalistas ou arqueólogos conhecedores da arqueologia da Mesopotâmia, como os nossos museus não possuíam condições para receber o elevadíssimo número de objectos em causa». Coube a Vergílio Correia ser um dos peritos chamados para analisar o espólio, cujo apresamento se prendia com a legitimidade da posição portuguesa em manter essa tão valiosa colecção assíria em Portugal ou restituí-la à Alemanha. No parecer de Vergílio Correia, para quem, independentemente da componente política, o trabalho científico e a “intangibilidade” dos objectos deveriam ser sempre respeitados, o caminho recomendado às autoridades portuguesas seria o da restituição. O trabalho de peritagem das peças guardadas nos caixotes abertos coube a Vergílio Correia. Se bem que ele se mostrasse avesso a tal tarefa, por não se achar especialista em tarefa de tal magnitude, o esforço realizado mereceu o aval dos arqueólogos alemães que, finda a guerra, registaram com apreço o esforço do seu colega português, impeditivo de roubos e de dispersões desse acervo assírio-babilónico.

Como diz Vera Mariz, «após mais de cinco anos em armazéns do entreposto de Alcântara e sem solução à vista, por determinação do então Ministro da Instrução Pública Augusto Nobre, os caixotes do ex-*Cheruskia* seriam confiados à Universidade do Porto com o intuito de ali se criar um museu assírio. No entanto, esta não seria a derradeira viagem destes objectos provenientes do actual Iraque, datando de 1926, após uma série de negociações demoradas e controversas, um acordo que acabaria por garantir

à Alemanha a restituição da colecção reunida pela *Deutsche Orient-Gesellschaft*. Em troca o governo português receberia variadas colecções arqueológicas e etnográficas cuidadosamente escolhidas dos museus de Berlim».

5. O FOTÓGRAFO SENSÍVEL

A exposição *Vergílio Correia: um olhar fotográfico*, que esteve patente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (2017), trouxe ao conhecimento público uma faceta até então desconhecida de Vergílio Correia: o seu domínio da Fotografia, realizada através de um sedutor olhar antropológico. Três dezenas e meia de fotografias num acervo de cerca de mil espécimes, todas dotadas de grande sensibilidade e rigor técnico vieram esclarecer-nos sobre a força refrescante desse olhar, em que as artes populares, as vivências, usos, tradições, festas, práticas de saber fazer e demais costumes das comunidades rurais portuguesas do primeiro terço de Novecentos irrompem com uma surpreendente vitalidade, superando a sua específica valência etnográfica e documental.

Vergílio foi uma das mais extraordinárias personalidades do nosso panorama cultural recente esta sua faceta de inventariante todo-o-terreno mais uma vez o veio demonstrar. São reconhecidas as suas ímpares qualidades como investigador do património histórico-artístico, que analisou com visão pioneira nas suas componentes globais, e como o arqueólogo que revelou o megalitismo de Pavia e grande parte da cidade romana de Conimbriga; nada se sabia, porém, desta sua faceta de fotógrafo. O inestimável acervo de fotografias em chapa de vidro foi dado a conhecer por Miguel Pessoa e Lino Rodrigo, como se disse, sendo o Centro de Estudos Vergílio Correia de Condeixa-a-Nova o receptor do espólio (doado por generoso depósito dos familiares), ainda em fase de identificação temática. Essa desconhecida apetência de Vergílio para fotografar os trechos das suas deambulações pelo país rural atesta o rigor com que se dedicou a testemunhar, com visão antropológica esclarecida, a realidade objectiva da paisagem nacional e a dureza e miséria da vida

nas Beiras ou no Alentejo profundo. O detalhismo destas fotografias a preto-branco mostra a visão de um historiador de arte que é também etnógrafo e arqueólogo e, antes de tudo, um humanista.

6. O CIVISMO REPUBLICANO

Vergílio era, ademais, um homem de causas, educado nos princípios republicanos e defensor das liberdades cívicas. A sua visão era a de um intelectual bem informado em termos internacionais, fruto de viagens de estudo por terras de Itália, França e Espanha, sem esquecer Marrocos, cujas fortificações de origem portuguesa estudou em registo pioneiro. Invejável era o reconhecimento do seu perfil pelos seus pares a nível internacional, factor, quiçá, de reservas e despeitos que explicam os já referidos conflitos institucionais vividos, enquanto conservador no Museu Nacional de Etnologia e no Museu Nacional de Arte Antiga, com personalidades como José Leite de Vasconcelos e com José de Figueiredo, e que conduziram ao seu afastamento dessas funções.

Sendo um intelectual educado nesses valores cívicos, a que sempre manteve fidelidade ao longo da existência, explicam-se agora, com a luz transmitida pelo seu arquivo pessoal, aspectos mais obscuros da sua existência, polémicas que travou com outras figuras do seu tempo, e outras fases menos esclarecidas da sua vida. Desde cedo se envolveu nas lides políticas. Já em 1907, nas lutas académicas em Coimbra, ligado à 'Falange Demagógica' e a outros movimentos anti-monárquicos (segundo os estudos de Alexandre Ramires), surge documentado, junto a gente, como o malgrado António Granjo, que terão depois carreira na governação republicana; e está presente, também, no famoso assalto à Sala dos Capelos, poucos meses antes do 5 de Outubro de 1910. Vergílio teve sempre filiação maçónica na loja *A Revolta*, de Coimbra, e *Acácia*, de Lisboa, conforme foi provado pelas investigações de António Ventura, que atestou ter atingido o mais alto grau na hierarquia da sua loja, como adiante se verá. Conhecem-se também as 'amizades perigosas' que manteve com o grupo democrático do Comandante Aragão

e Melo, que conduziram à breve prisão de Vergílio no Aljube, em 1932, por ter dado abrigo a um republicano em regime de clandestinidade, tornando-se ele próprio figura desafecta ao regime do Estado Novo. A perseguição a Vergílio começara com a promoção, no Ateneu Comercial de Coimbra, de um livro proibido, *Tolerância* (1930), da autoria de Francisco de Aragão e Melo (1881-1959); este revolucionário da Marinha e maçom foi um dos combatentes do 5 de Outubro de 1910, em cujos preparativos se envolveu junto do Almirante Cândido dos Reis, sendo preso várias vezes e degredado pelo regime do 28 de Maio. Tal como Vergílio, era maçom do GOL (loja *Acácia*), e foi um opositor de primeira hora ao Estado Novo, envolvendo-se ainda, em 1949, na malograda candidatura presidencial de Norton de Matos. Na sessão pública de 16 de Março de 1930, promovida no Ateneu Comercial de Coimbra, que os relatos dizem ter sido muito concorrida, sob presidência de Vergílio Correia, este declarou: «Divulgando as doutrinas expostas pelo Comandante Aragão e Melo, o Instituto pratica um acto do mais puro civismo (...). O tema e a hora que lhe vem dar relêvo: quando os agentes da reacção clerical e plutocrática lutam, com desespero nunca visto, na ânsia de reaverem um domínio que nunca mais alcançaram. Nunca mais! (...)». Explicam-se as perseguições políticas de que passaria a ser alvo com maior insistência... O motivo directo da prisão de Vergílio Correia em Junho de 1932 deveu-se, segundo Paulo Silva, ao facto ter acolhido na sua residência de Lisboa (sita na R. Heliodoro Salgado, 57, 3ª) um opositor da Ditadura, o Dr. Pedro Fazenda, mas a razão era outra: de facto, presidira à referida sessão de 16 de Março de 1930, no Ateneu Comercial de Coimbra, promovendo o proibido livro *Tolerância*, de Aragão e Melo. Todavia, esse percalço político causado pela prisão no Aljube não foi de molde a menorizar o reconhecimento das altíssimas capacidades científicas e pedagógicas de Vergílio Correia, e não foi óbice para que o regime, sabendo-o desafecto, não lhe coartasse o trabalho intelectual. Em tempos dramáticos da política salazarista, ele pôde prosseguir a sua carreira universitária, tanto académica como na

direcção do Museu Nacional Machado de Castro e do campo arqueológico de Conimbriga.

Vergílio esteve ligado ao movimento da *Renasença Portuguesa*, como se disse, escrevendo na *Águia*, onde defende uma política republicana com incidência na salvaguarda do património cultural, fiel a uma perspectiva que nos nossos dias diríamos ser de salvaguarda do património artístico nacional, fosse arqueológico, etnográfico ou artístico, tão aviltado quanto desconhecido. Ao mesmo tempo, colabora com o Grande Oriente Lusitano Unido e é nesse âmbito que escreve (1929) o artigo *Breves Considerações acêrca da Arte Maçónica* (*Boletim Oficial do Grande Oriente Lusitano Unido*). Define neste artigo os templos maçons como *Santuários da Razão*, explicando a sua orgânica em termos de arquitectura e equipamento decorativo, ao longo dos séculos, o que leva a considerá-los herdeiros espirituais das estruturas medievais de pedreiros-livres. Reclama para a arte maçónica uma matriz «harmónica e perfeita» (...) «fugindo a anacronismos ou realizações anti-estéticas».

Dos elementos recentemente revelados por António Ventura, a filiação maçónica de Vergílio Correia esclarece-se à luz de dados seguros: na documentação das obediências do Grande Oriente Lusitano, mostra-se Vergílio iniciado em 1909, e a integrar desde 1911 a loja *A Revolta*, com o nome simbólico Santer; em 1912 já era mestre, atingindo o grau três, o mais importante grau da Maçonaria Simbólica; miudando-se para Lisboa, entra em 1924 na loja *Acácia*, seguidora do rito francês, tal como *A Revolta*; atinge o grau 4 nesse ano, e em 1931 o grau cinco (num total de sete); em 1928, uma carta da loja *Acácia* regista Vergílio com o grau seis; em 1935, ano da grande repressão à Maçonaria e proibição da actividade das lojas, Vergílio atingira o sétimo e último grau a hierarquia do seu ramo.

7. UMA PERSONALIDADE DE EXCEPÇÃO

Avulta em toda a vasta obra de Vergílio Correia uma personalidade extraordinária, com múltiplos interesses, muitas vezes esquecida pela desmemória e

ingratidão dos homens mas que guarda plena actualidade e urge, por isso, voltar a conhecer.

À luz do nosso conhecimento sobre a sua vasta e multifacetada produção científica, pode afirmar-se que Vergílio Correia foi uma das mais extraordinárias personalidades da cultura portuguesa da primeira metade do século passado. Dotado de largas qualidades de investigação e com interesses plurais e saberes actualizados, e ancorado em campos tão diversos como a Arqueologia, a Etnografia e a História da Arte, foi não só o arqueólogo que deu a conhecer o megalitismo do Alentejo e que revelou o essencial do *oppidum* romano de Conimbriga como, também, apaixonado antropólogo, renovador dos estudos da Etnografia portuguesa e, ainda, notabilíssimo historiador de arte, museólogo e professor universitário.

O conhecimento mais aprofundado da sua personalidade, a partir da documentação do seu arquivo pessoal, em parte conservado na A.N.T.T., permite-nos traçar um retrato fidedigno das suas valências, absolutamente notáveis em todos os campos de saber em que investiu o seu afã de investigador. Professor de História da Arte e Arqueologia na Universidade de Coimbra durante mais de dois decénios, formou gerações de alunos nessa sensibilização pelo património histórico-artístico nacional e dentro de uma nova perspectiva de análise comparatista, contextualizada e problematizante, com que sabia visionar os monumentos e as obras de arte, fossem eruditas ou de expressão regional. E o Museu Nacional Machado de Castro adquiriu com a sua direcção, também, a frescura de um trabalho em que o arqueólogo, o historiador de arte e o gestor de património se cruzaram, com resultados visíveis, por exemplo, na redignificação do célebre Criptopórtico.

Apesar de ser, por vezes, figura algo esquecida pela desmemória e ingratidão dos homens, o legado científico, pedagógico e académico de Vergílio Correia guarda plena actualidade e urge, por isso, voltar a conhecê-lo. Têm vindo a ser desenvolvidas linhas de pesquisa tendentes a investigar os legados arquivísticos e a revalorizar muitas dessas valências científicas em que a sua produção foi pródiga.

Entre essas valências se destaca, naturalmente, o campo da História da Arte, até então desguarnecido, e o caso específico da revalorização do Azulejo português, em que foi um dos mais qualificados pioneiros. Como escreveu Manuel Lopes de Almeida (prefácio às *Obras de Vergílio Correia*, vol. V, 1978), o seu temperamento arrebatado, se coabitava com um cuidado pendor de comunicação e pedagogia, era sobretudo o de um homem ardente na pesquisa de campo: «Eis que fora das aulas, livre do constrangimento do ambiente académico, que naturalmente restringia o seu temperamento e sensibilidade, se revelava o prelector expansivo, ágil, entusiasta, de estilo às vezes arrebatado. O campo verdadeiramente genuíno e propiciador do seu en-

sino constituíam-no, com efeito, o pátio e as salas do Museu Machado de Castro, o pórtico majestoso e o interior da Sé Velha, o auspicioso *oppidum* de Conimbriga, onde a sua inteligência, viveza de espírito e poder de comunicação se ofereciam de modo persuasivo e aliciante no tratamento dos temas de história cultural e artística» (...).

Historiador de Arte que era Etnógrafo e Arqueólogo ao mesmo tempo, humanista e homem de cultura integral, Vergílio Correia foi um sábio a quem a morte prematura coartou uma carreira guindada para mais altos voos. Continua a ser uma referência, por demais actualizada e como tal insubstituível, para os estudos do presente.






CONVITE

O Presidente da Comunidade Intermunicipal do Baixo Alentejo e O Centro de Estudos Vergílio Correia (Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova e Associação Ecomuseu de Condeixa) convidam V. Ex.^ª a estar presente na inauguração da exposição **Vergílio Correia (1888 - 1944) - Um Olhar Fotográfico**, que terá lugar no próximo dia 8 de Março de 2018, pelas 18.00h, no Núcleo Expositivo do Museu Regional de Beja, rua dos Infantes.





ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2019

www.arqueologos.pt